

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

SANGUE E NERVO: O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

2 e 17 de Outubro de 2023

THE FRENCH CONNECTION / 1971

OS INCORRUPTEÍVEIS CONTRA A DROGA

um filme de WILLIAM FRIEDKIN

Realização: William Friedkin *Argumento:* Ernest Tidyman a partir do romance de Robin Moore (1969) *Música Original:* Don Ellis *Direcção de Fotografia:* Owen Roizman *Som:* Christopher Newman, Theodore Soderberg *Montagem:* Gerald B. Greenberg *Direcção Artística:* Ben Kazaskow *Cenografia:* Edward Garzero *Guarda-roupa:* Joseph Fretwell III *Caracterização:* Irving Buchman *Efeitos Especiais:* Sass Bedig *Interpretação:* Gene Hackman (Detective Jimmy 'Popey' Doyle), Fernando Rey (Alain Charnier), Roy Scheider (Detective Buddy 'Cloudy' Russo), Tony Lo Bianco (Salvatore 'Sal' Boca), Marcel Bozzuffi (Pierre Nicoli, Hit Man), Frédéric de Pasquale (Henri Devereaux), Bill Hickman (Bill Mulderig), Ann Rebbot (Mrs. Marie Charnier), Harold Gary (Joel Weinstock), Arlene Farber (Angie Boca), Eddie Egan (Walt Simonson), André Ernotte (La Valle), Sonny Grosso (Bill Klein), Ben Marino (Lou Boca), Patrick McDermott (Howard), Alan Weeks (Willie Craven), Alan Fann (Informador), Irving Abrahams (Mecânico da polícia), Randy Jurgensen (Polícia), etc.

Produção: 20th Century Fox, D'Antoni Productions em associação com Schine-Moore Productions (Estados Unidos, 1971) *Produtor:* Philippe D'Antoni *Produtor Executivo:* G. David Schine *Produtor Associado:* Kenneth Utt *Estreia comercial em Portugal:* 22 de Fevereiro de 1972, no cinema Tivoli *Reposição comercial:* 25 de Setembro de 1979, no cinema Condes *Cópia:* DCP, cor, legendada em inglês nos diálogos em francês e electronicamente em português, 103 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca:* 10 de Maio de 2005 ("O Longo Adeus a Hollywood: Cinema Americano dos anos 60 e 70").

Não é de agora este texto, que conta alguns anos e a perspectiva da atenção particular à designada "Nova Hollywood", o longo adeus ao cinema clássico americano dos estúdios dos anos 1960/70 acenado por William Friedkin (1935-2023) entre outros bravos. Com *sangue e nervo*, diz o título desta retrospectiva que celebra o seu cinema em saudação-despedida.

THE FRENCH CONNECTION tem todos os ingredientes: é um dos títulos míticos dos filmes "nova-iorquinos" dos anos 70; foi uma produção recheada de episódios e de contratempos envolvendo o financiamento, o *casting* e a pós-produção que ficaram a fazer parte da sua história; foi o primeiro grande filme de Gene Hackman (que, de resto, esteve longe de ser uma primeira escolha e nem sequer foi uma escolha pacífica para o realizador, que pensara em Jackie Gleason e num colunista nova-iorquino de renome – Jimmy Breslin – para o papel do detective Popeye Doyle); arrecadou cinco Óscares, entre eles o de melhor filme e o de melhor realização, tornando Friedkin o mais jovem realizador a receber a distinção da Academia. Isto por um lado, porque, por outro, a atmosfera de policial urbano ultra-realista da Nova Iorque dos anos 1970 alia-se à boa estrela que reuniu o lote de actores (para além de Hackman ter sido uma segunda escolha também a de Fernando Rey algo terá devido ao acaso já que o realizador aguardava Francisco Rabal quando um equívoco da produção lhe pôs Rey no caminho, fazendo com que os dois papéis protagonistas ficassem muito bem entregues a dois actores que o realizador não queria); "*last but not the least*", o filme tem uma sequência de perseguição de antologia que – não é exagero – faz lembrar a primeira grande sequência de competição entre um carro e um comboio (aqui os protagonistas motorizados são um carro e um metropolitano), filmada por Griffith em INTOLERANCE. As características de THE FRENCH CONNECTION mantêm-se vigorosas.

É o mundo da criminalidade e do tráfico de droga que o argumento segue. Trabalhado por Ernest Tidyman (que fora repórter criminal e escrevera "Shaft", e se estreava como argumentista), o filme baseia-se no romance de Robin Moore que por sua vez retrata acontecimentos verídicos ocorridos em Nova Iorque entre 1960-1962, nada mais, nada menos do que uma importante investigação policial levada a cabo por

um par de polícias da brigada de narcóticos que seguem a pista de um carregamento de heroína vindo da Europa. Os dois protagonistas verídicos do caso “French Connection”, Eddie Egan e Sonny Grosso, que estiveram na base da construção das personagens de Hackman e Scheider, acompanharam de perto a preparação do filme (tanto o realizador como os actores os acompanharam durante semanas para contactarem com o submundo urbano na perspectiva em que aqueles o conheciam) e estão mesmo em cena como personagens secundárias. O trabalho de campo para o filme deu os seus frutos e grande parte dos episódios nele contidos foram recuperados da realidade, segundo os testemunhos em primeira mão de Egan e Grosso, cuja pouco convencional maneira de encararem uma investigação muito terá inspirado Friedkin. Sinaliza-o a primeira cena de Hackman e de Scheider, que surgem à paisana, um vestido de Pai Natal a ensaiar um coro de crianças, outro de vendedor ambulante de cachorros-quentes. Para Friedkin, *“these guys were doing nothing by the book, these guys were totally out of the box. They were as streetwise as anyone I’ve ever met”*.

A nota vale pelo registo mas, o que é mais decisivo, *“streetwise”* aplica-se ao próprio filme, que de resto não é muito categorizável em termos estanques. Acção e violência, sim. E também intensidade, tanto no trabalho de câmara como no dos actores, e uma percepção muito realista da cidade. Se a geração de realizadores americanos a que Friedkin pertence, ainda que aparentemente detestasse a expressão, foi muito influenciada pelo cinema clássico americano, também conhecia bem o cinema europeu dos anos 50 e 60 – “O trabalho que fazíamos nos anos 70 era de facto uma síntese da forma como sentíamos todos esses filmes e esses diferentes estilos”, disse ele –, o que, pelo menos em parte, pode permitir perceber o fôlego novo e a solidez de *THE FRENCH CONNECTION*.

Nem de propósito, a frase anterior aplica-se bem à sequência que tornou o filme definitivamente famoso: é estar atento a esses dez minutos no filme em que o carro de Hackman (mais exactamente um carro desviado pela personagem de Hackman a um cidadão em pacata circulação automóvel) persegue por estrada o veículo metropolitano de superfície em que segue, em fuga, a personagem que atira sobre ele do alto de um prédio uma vez terminada a investigação. É fácil perceber que essa sequência, citada como uma das melhores perseguições automóveis da História do cinema, seja, como efectivamente é, tão memorável. Num artigo publicado em 1972, “Anatomy of a Chase”, Friedkin procede à sua radiografia explicando como, na génese, esteve a ideia de que faltava ao argumento uma boa “cena de perseguição” à maneira de *BULLITT* (Peter Yates, 1968), também produzido por Phil D’Antonio, que Friedkin reconhece como modelo inspirador. O argumento era bom e excitante e à estrutura do filme, assente em fórmulas sobejamente experimentadas, faltava apenas “uma boa cena de perseguição”. O raciocínio aí exposto esclarece que se tratava de conseguir proceder pelos seguintes passos: morte de um tipo nos primeiros minutos; desenho das histórias paralelas do polícia e do criminoso durante aproximadamente vinte minutos; junção dos dois protagonistas durante mais dez minutos; uma cena fantástica de perseguição nos dez seguintes e mais cerca de vinte minutos à altura desses dez seguidos de um final surpreendente... assim se entretiveram por uma tarde produtor e realizador esgrimindo o conceito e planificando a cena de perseguição. Parece que a rodagem nem foi difícil, ao contrário da montagem e das misturas. Não se pensa em nada disso durante o tempo que a cena dura e em que tudo está tão certo, dos tempos à escala dos planos. É ver para ficar a saber.

Por último refiram-se as cenas, muito menos citadas, de perseguição de rua entre Hackman e Rey, cujo confronto final se resolve por um plano a negro. A cena dos dois na estação de metro evoca tanto os filmes de *gangsters* como o *slapstick*. Parece cinema mudo e puro burlesco, um jogo de gato e rato ganho por Rey que se despede com um cínico gesto, a que é um verdadeiro prazer assistir.

Maria João Madeira